

**O INVISÍVEL NO ESPELHO: DESLOCAMENTOS E LIQUIDEZ
IDENTITÁRIA NA OBRA "THE INHERITANCE OF LOSS",
DE KIRAN DESAI**

Thallita Mayra Soares Fernandes (UFSJ)
Anderson Bastos Martins (UFSJ)

Resumo: A obra *O legado da perda* (2007), de Kiran Desai, abrange deslocamentos em nível local e global, marcados por violências e subalternidade, que destroem por inteiro a possibilidade de uma identidade sólida, mas que, em contrapartida, oferecem a possibilidade de subverter discursos hegemônicos. O artigo visa discutir as diferentes perspectivas da identidade e do espaço global, contidas nos limites de poderes políticos e econômicos. Assim, são analisados os fenômenos da modernidade, do colonialismo e da fragmentação geográfica e psicológica diaspóricas, que influem nos costumes locais e na diferença da perspectiva sobre os territórios ocupados e da forma como eles são regulados pelas cidades globais.

Palavras-chave: Identidade; Diáspora; Transnacionalismo

Autora de *O legado da perda* (2007), Kiran Desai, nasceu na Índia e migrou com a família para a Inglaterra e, posteriormente, para os Estados Unidos da América. Enquanto artista imigrante, retrata neste romance, questões relativas a grandes jornadas e deslocamentos, percebendo-se, enquanto sujeito, como produto destes.

A obra de Desai aponta formas autoritárias de imperialismo, perpetuados por meios violentos e interiorizada por causa da alienação frente a determinados valores culturais. A escritora expõe questões relativas ao enfrentamento da opressão colonial, e os resultados de tal negociação frente a questões de gênero e de discriminação racial, perpetuados por identificações e conflitos nacionalistas.

Tal narrativa, por abranger tempos cronológicos e espaços geográficos distintos, permite comparar aspectos da Índia colonial e moderna, dos meados da década de 1980, demonstrando a importância do passado e das heranças históricas nas articulações de poderes econômicos, culturais e sociais contemporâneos, que repetidamente mantêm estruturas segregacionistas, e, portanto, impedem certos sujeitos de atingir melhores condições de vida, em prol de uma parcela populacional hegemônica.

O legado da perda (2013) relata a trajetória de diversos personagens deslocados de seus locais de origem e, conseqüentemente, em níveis psicológicos, por esses não conseguirem articular suas novas identificações. O enredo abrange principalmente a perspectiva de dois personagens (Biju e Sai), que transferem a narrativa em diferentes



espaços e tempos e que constituem um contraponto entre as diferentes identidades dos sujeitos migrantes.

A trama se inicia no sopé do monte Kanchenjunga, na cidade de Kalimpong, onde vivem Jemubhai Patel, um juiz aposentado do serviço civil indiano, que morou alguns anos na Inglaterra e lá completou seus estudos. Seu casamento e paternidade miseráveis tornam-no um homem amargurado, capaz de amar apenas sua cadelinha Mutt. Assim, o juiz viúvo ignora sua neta Sai e o cozinheiro Pana Lal, com quem é obrigado a conviver.

Na região de Bengala, no ocidente da Índia, vivem personagens imigrantes, inclusive extralegais, que marcam diferenças identitárias por causa do uso do inglês sem sotaque, da cor da pele e da posição econômica. Como pano de fundo, a autora reproduz o conflito nacionalista Gorka e as confusões culturais resultantes de políticas autoritárias, perpetuadas por diferentes formas de imperialismos.

Alternativamente, em Nova York, diversos imigrantes ilegais trabalham em busca de um ideal de modernidade providos pelo capital financeiro. Igualmente, são marcados por distinções de nacionalidade, cheiro e hábitos alimentares. Neste espaço vive Biju, filho do cozinheiro dos Patel, que trabalha em restaurantes e vive em condições insalubres. Retratados como ratos, os extralegais são obrigados a se esconder e fugir em várias partes da trama. Consecutivamente mudam de emprego, porém, a humilhação e exploração os perseguem em todos os lugares, independente das nacionalidades dos patrões.

As imagens do legado imperial inglês, ainda muito fortes na Índia (em especial em espaços rurais) e a situação pós-colonial, refletem que a mudança da situação do Estado indiano manteve as hierarquias passadas intactas. Quanto mais subalternos são os sujeitos, mais difícil se torna a conquista de melhores condições de vida.

Biju, que se considera o “rapaz mais sortudo do mundo todo” (DESAI, 2007: 119) ao conseguir um visto temporário nos EUA, é, assim como outros jovens, persuadido a sair do país, por pessoas cujo imaginário está contaminado com a ideia de Eldorado que reside nas megalópoles. Sob o pretexto de que o Sul Global é falido e que as oportunidades de sair se esgotarão, discursos como este tornam-se comuns ao longo do enredo: “É melhor deixar mais cedo ou mais tarde... a Índia é um navio afundando. Não quero ser insistente, querida, sweetie, só estou pensando na sua felicidade, mas as portas não vão permanecer abertas para sempre...” (DESAI, 2007: 66).



Desai parece deixar claro que o desejo de ascensão econômica parte da comunidade, mas principalmente dos pais, os quais buscam a própria satisfação e o desejo de ascender socialmente, acreditando que a felicidade e realização dos filhos depende somente da aquisição de capital. Assim, a autora escreve: “O cozinheiro fez isso por biju, mas também por ele mesmo, para suprir seu desejo pela modernidade: torradeiras, máquinas de barbear elétricas, relógios, câmeras, cores de desenhos animados” (DESAI, 2007: 68).

Migração, seja interna ou internacional, é muitas vezes a única fonte de renda da família. O consumo de equipamentos domésticos, roupas, carros, os investimentos em educação e até mesmo práticas de saúde importados do país de acolhimento são formas generalizadas de marcação da ascensão social. Ao retornarem, a população espera reencontrar o migrante, pois ele próprio torna-se fetiche, um ícone da modernidade (OONK, 2007).

O sonho, porém, parece ruir desde a chegada ao prédio da imigração, onde as marcas da subalternidade no tecido social são apresentadas. Biju está “Parado ali, sentindo a enorme medida do quanto era desprezado”, por começar a perceber o racismo como condição imaginária que partia dele e que circunda a sociedade como um todo, assim, “Quanto mais escuro se é, Biju pensou, mais sujo se parece” (DESAI, 2013: 185). Tal projeção reflete grande alienação, fruto das interações sociais e revela a perda da essência humana, que ao se projetar em um modelo, torna o sujeito estranho a si mesmo (CAIRE, 1956).

A subalternidade e a alienação são apresentadas como fatores que impulsionam a imigração. Estes aspectos são responsáveis por manter o sujeito em uma posição marginal. Mesmo Sai, que fala o inglês britânico, possui status social por causa da profissão do avô e vive em condições melhores do que a população nativa, sofre preconceitos por ser uma órfã que traz nas marcas destas diferenças, o sentimento de ser estrangeira em seu próprio país. Desai (2007: 44) ilustra: “Ah, Avô mais lagarto que humano. Cachorro mais humano que cachorro. O rosto de Sai de ponta-cabeça na colher de sopa”.

Mulheres e sujeitos pobres carregam marcas da subalternidade - o que contribui com a falta de autoestima e em consequência, torna-se muito difícil, por questões psicológicas, que estes grupos se desvencilhem da imagem inferior incutida a eles. No



prédio da imigração, em uma das cenas do livro, o estrato da sociedade se apresenta em um microcosmo de uma fila: “ Não era lugar para bons modos e foi assim que a fila se formou: rapazes com cara de lobo primeiro, homens com famílias em segundo, mulheres sozinhas e Biju, e por último, os decrepitos” (DESAI, 2013: 189).

Nota-se que, apesar de ocuparem um duplo estatuto de subalternidade, Biju ocupa a mesma posição que as mulheres sozinhas, mal vistas e mal quistas na Índia. Tal fato se relaciona com as identificações modernas, que são baseadas em construto de mercado. Sistemas patriarcais demandam dos homens que estes sejam provedores. O trabalho e o auto sustento são marcas de masculinidade e, por isso, Biju assemelha-se socialmente a uma mulher, que, por não poder trabalhar, deveriam ser mantidas por algum homem da família. Na obra de Desai (2013), ele é mantido pelo pai na Índia.

A modernidade, nos países de terceiro mundo, foi representada pelos meios de transporte e aparelhos elétricos. A cultura de massa estadunidense se impôs em telas de cinema, seriados e desenhos animados, disseminando estilos de comportamento e vestuário cosmopolitas, que resignificaram simbolicamente a realidade. O chamado *American Way of Life*, contrapôs-se aos costumes orais e entretenimentos ligados a aspectos religiosos do Sul Global (SANTIAGO, 2008). Assim, está figurado no romance: “Tinham vindo a pé pela floresta, com jaquetas de couro do mercado negro de Katmandu, calças cáqui, bandanas: a moda universal dos guerrilheiros” (DESAI, 2007: 13).

Seja na diáspora ou em suas terras natais, as representações inventadas e comercializadas mantiveram adestrado um ideal de pátria e de cidadãos submetidos a uma imaginação totalitária. Ao espelhar objetos virtuais, abstratos e incapazes de interagir, surgem tensões nas identificações dos sujeitos, pois se perpetua uma imagem distorcida deles mesmos e da realidade em que vivem (OONK, 2007), portanto: “Biju ficava tão orgulhoso do cinema de seu país que quase desmaiava” (DESAI: 2007: 73).

As identificações, termo proposto por Hall (2015) como substituto do termo identidade, são múltiplas e muitas vezes contraditórias. Sujeitos diaspóricos tendem a buscar registros de suas terras natais em produtos alimentícios, vestimentas, religião ou representações midiáticas que representam seus países de origem. A negociação entre identificações natais e outras, que se adquire em outros territórios enquanto imigrante, nem sempre é fácil. Assimilar costumes, ou adquirir hábitos como comer carne de vaca, se relacionar com prostitutas, consumir álcool e cigarros, para os hindus, torna-se



sinônimo de engolir o estrangeiro e ser consumido por ele. Neste sentido, o transplante de bagagem cultural torna-se um impedimento para a integração social dos sujeitos nas nações de acolhimento (OJWANG, 2013).

Nesse processo, cujo espaço é interativo, novas identidades são geradas e elas retêm influências de memórias das raízes dos sujeitos, ao mesmo tempo em que absorvem influências da nova cultura. O termo comumente se refere à experiência de discriminação e exclusão, e, ao mesmo tempo, a identificação positiva com o patrimônio histórico altamente elogiado da civilização indiana (OONK, 2007), porém, podem tornar-se espaços de aprisionamento, pois as interações entre sistemas diferentes geralmente culminam em conflitos morais e intensificam a necessidade do sujeito em reproduzir sua identidade, que dificilmente será bem aceita (HALL, 2003).

Descrita por sua natureza dupla ou paradoxal, diásporas surgem de um processo de deslocamento e da necessidade de reinstaurar o conceito de lar (NASTA, 2001). Em geral, se referem a pessoas que não se sentem confortáveis com a sua identidade não-estabelecida, como a indicada no seu passaporte. Comunidades diaspóricas tendem a ocupar uma zona de fronteira, onde existe hibridismo étnico, que esconde longos processos históricos de segregação que mantém sujeitos precariamente apresentados no limite de uma episteme de deslocamentos reais ou imaginários, os quais se auto impõem certa sensação de exílio (MISHRA, 2005).

A alimentação, para Apadurai (1988), pode indicar resistência à assimilação ou a capitulação das influências culturais ligadas à raiz. A representação literária de hábitos gastronômicos está intimamente relacionada com a comunidade de pertencimento e etnicidade. Práticas culinárias marcam fronteiras, ou seja, são marcas de isolamento cultural. Na mesma medida, causam hostilidades e, por causa disto, muitas vezes os imigrantes são reconhecidos e lembrados pelos cheiros de especiarias que utilizam em suas cozinhas.

Ao serem saboreadas em outro tempo e lugar, tal dieta demonstra o desejo de manter a memória cultural. Biju, que inicia sua trajetória nos EUA trabalhando em restaurantes carnívoros, passa a perceber contradições sociais entre a metrópole e sua terra natal e, a cada cena, se isola para manter suas tradições originais. Ao recusar mimetizar os hábitos estadunidenses, entretanto, torna-se um sujeito sozinho e desorientado.



Os sujeitos migrantes se percebem, na obra literária, à beira de um abismo emocional. Entre a saudade de casa e o ódio da família que insistiu pela partida, os migrantes sentem-se abandonados em dois mundos. A rejeição na sociedade de acolhimento marca a perda de antigos costumes e a vergonha por ser considerado e se considerar diferente. A sensação de fracasso por que eles passam, faz com que se agarrem à situação financeira, como única hipótese de resolução dos problemas que enfrenta em uma sociedade cosmopolita.

Momentos de crise, marcados pelo desejo de retorno ao lar, estão relacionados ao apego ao passado romanticamente idealizado na memória de sujeitos deslocados. O estranhamento com que se deparam e o estado permanente de tornar-se, medeia e transmuta a percepção de lugar e de tempo, origem e pertença, modificando a forma como sujeitos deslocados se relacionam com o mundo e como entendem e agem frente a questões políticas, econômicas e sociais nas duas nações, podendo significar ambigualmente liberdade e negação de proposições culturais diversas (BHABHA, 1988).

Despojados do sentimento de pertença e obrigados a enfrentar a negação de sua história, os migrantes ocupam uma posição vulnerável. Eles atravessam os limites territoriais entre a própria e a terra do ex-colonizadores. A narrativa da imigração inclui a perda de “continuidade” e a busca pelo pertencimento, mas também a experiência e negociação do racismo e do colonialismo. As relações entre sujeitos governantes e governados (CHATERJEE, 2008) são mediadas por traços, memórias e histórias seculares de imperialismo e resistência.

A representação do cotidiano de migrantes nas nações de acolhimento se dá por meio de identificações racistas. O “mau cheiro”, a animalização e os comportamentos “estranhos” traduzem o imigrante. Aqueles mais assimilados são menos repudiados, têm permissão de existir enquanto cópia. Estes são representados por indianos que se envergonham de sua herança e preferem apagar suas identidades (OJWANG,2013).

O indiano autenticado deve encenar determinadas performances para atender às ideologias dominantes. Por esse motivo, eles acabam negando a si próprios e acatando à posição de inferioridade. Biju, por exemplo, sente vergonha de si próprio, do seu inglês, dos seus costumes e do seu cheiro. Ele quer se misturar na sociedade branca, mas as diferenças que o marcam como imigrante o afastam dessa fantasia. Por esse motivo ele



se apega às marcas de sua origem e escolhe a invisibilidade, sem compreender que ela também significa resistência.

O sujeito pós-moderno, deixou de ser compreendido como integral, já que a liquidez da modernidade tem deslocado com facilidade as estruturas do mundo social e, portanto, desestabilizam identidades, fragmentando-as e remodelando-as em estruturas contraditórias ou não resolvidas. Por causa da produção de identidades por meio da exibição de bens de consumo, cada vez mais as identidades tornam-se descartáveis, como os produtos que as define. As commodities distribuídas globalmente traduzem uma espécie de homogeneização cultural. Ao lado dessa tendência, surge um novo interesse pelo local, não como espaço tradicional, mas como produtor de mercadorias étnicas (BAUMAN, 2005).

O fenômeno da globalização envolve a transformação de velhas estruturas geográficas, econômicas e culturais, que refletem mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais por sua vez produzem identidades novas e globalizadas. Essas novas identidades são caracterizadas para que consumidores globais se identifiquem em qualquer lugar do mundo e faz com que eles mal se distingam entre si (BAUMAN, 2000).

As relações econômicas, entretanto, provavelmente não desestabilizarão as diferenças no tratamento de grupo com poderes desiguais e continuarão a manter sujeitos subalternos aprisionados em sua localização social. Refugiados e imigrantes ilegais, por exemplo, continuarão fazendo travessias, muitas vezes fatais, em busca de uma nova vida (MASSEY, 1991).

O fenômeno da globalização tem pacto sobre o país de origem e país de destino, e como resultado, as sociedades apresentam formas diversas, étnica e culturalmente. A migração produz entidades plurais, mas também identidades contestadas no processo que é caracterizado por grande desigualdade. Representa um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento e funciona como fator de expulsão dos países pobres e atração de sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. O movimento Global do Capital geralmente muito mais livre que a mobilidade do trabalho (WOODWARD, 2014).

As habitações insalubres e o trabalho nos porões de restaurantes ilustram o aspecto *underground* da condição migrante: eles deveriam ser mantidos naquele espaço inferior, abaixo de toda uma sociedade, escondidos como ratos para não infectar as doces ilusões



cosmopolitas, para não desmanchar os conceitos de equanimidade ou ferir os discursos sobre meritocracia. O peso de estar sob os pés de uma multidão que não consegue se mover contra a triste realidade de manter o *outro* preso em uma condição degradante, de não perceber que a política não age em prol do *diferente*, mas do *mesmo*, que há séculos tem privilegiado alguns em detrimento de outros. A sociedade do lucro e do apagamento das diferenças, continuam mantendo sujeitos sob uma capa de invisibilidade, portanto, carregando por causa dos desequilíbrios de poder, os velhos preceitos coloniais.

O que resta aos sujeitos, frente a esta situação é o arrependimento. Primeiro de partir, e muitas vezes de retornar. Entre o estranhamento frente aos hábitos familiares tradicionais e a tempestuosa vontade de fugir de um mundo estranho, muitas tensões passam a perturbar os quadros de identificações dos migrantes e eles passam a se perceberem como deslocados em ambos os lugares, reforçando a ideia de que qualquer atitude que tomarem parecerá incorreta.

Na obra, os migrantes idealizam as metrópoles como as nações do recomeço e da modernidade. Lá eles têm a possibilidade de se realizar financeiramente. A nova terra personifica a mudança, o progresso e o materialismo; a pátria, representa a estabilidade, tradição e a espiritualidade. Migrantes que valorizam as últimas opções, em detrimento da escolha financeira, retornam.

Essas novas identificações podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras, pois, a noção de identidade em crise leva à afirmação de várias identidades. Consequentemente, a busca por identidade supostamente perdidas, leva os sujeitos, muitas vezes, a buscar referências em formas antigas de identificação étnica e religiosa (ANDERSON, 2008).

Eric Hobsbawm (2007) afirma que o fim do nacionalismo não está à vista, pois o fator nacional é o que legitima a vida política do nosso tempo. A nação enquanto comunidade política imaginada é, ao mesmo tempo, limitada e soberana. O nacionalismo é o legado dos europeus para o mundo. Contraditoriamente, as maiores guerras mundiais foram definidas em torno de nação e da política da amnésia, que preferiu esquecer as origens heterogêneas de seu nascimento (THIESSE, 2011).

Esse conflito pode ser entendido como reflexo do nacionalismo regressivo do Oriente, que pode ser caracterizado pela aversão do impacto globalizante nas diferentes



esferas da vida local e desejo de retomar um passado construído sob preceitos de glória, muitas vezes imaginados (MUKERJEE, 1993).

A hibridização do poder colonial, não constitui uma ruptura radical com os princípios fundamentais do colonialismo como tal, uma vez que busca transcender o seu próprio eurocentrismo e pode, por esse motivo, perseguir ideais intangíveis e segregacionistas e, portanto, permanecer em um processo que não dá autonomia aos cidadãos e deslegitima a sociedade civil. Chatterjee (2008) aponta que este fato está intimamente ligado à história do capitalismo global, porque sua narrativa se converte em violência, mercantilização inerente à guerra, genocídio, conquista e colonialismo - mas que são narrados em uma história de progresso, desenvolvimento, modernização e liberdade universal - aspectos sob os quais a nação tem se (re) construído, utilizando o dinheiro como valor de troca e intermediário universal.

Shumsky (2003) destaca que dentre os tipos de migrante existe ainda um outro, nomeado de “migrante de retorno”, que representa os sujeitos que migraram rumo a uma nação de acolhimento, retornam às terras natais e regressam para primeira nação de acolhimento - estes, parecem pertencer simultaneamente aos dois mundos. O imigrante torna-se, portanto, objeto de reflexão privilegiado, pois é o sujeito em trânsito, observador dos fenômenos líquidos que marcam a contemporaneidade (BAUMAN, 2000).

O imigrante é a figura desterritorializada, deslocada do seu lugar familiar, que está em trânsito. Seu aspecto transcultural torna-se símbolo da opressão totalizante do sujeito. Seu hibridismo faz incidir um olhar estranhado sobre os conceitos de nação e nacionalidade, pois exhibe uma dupla relação de aquisição e recusa identitária na busca de inserção no mundo. O sujeito contemporâneo torna-se cidadão do mundo, em devir em relação às subjetividades e referências. Paradoxalmente, o sujeito cosmopolita torna-se estrangeiro e detestável mediante precedentes do poderio econômico.

A posição ambivalente dos sujeitos deslocados pode ser lida como uma reação amarga para o fracasso das inúmeras tentativas em encontrar seu lugar no mundo. Este reconhecimento do próprio desamparo pode ser interpretado como a força motriz que impulsiona Sai a rejeitar qualquer forma de pertença, resultando assim em sua firme determinação de ser a sua única família e comunidade. Por esta razão, a fim de adquirir o seu verdadeiro significado, o desejo de partir de Kalimpong deve ser lido em conjunto com a admissão de amor auto resoluto da protagonista feminina de Desai (2013).



A romancista contextualiza os deslocamentos como um aspecto emergente de uma herança implícita. As jornadas dos antepassados, desembalam o passado e são cruciais ao entendimento do presente. Portanto, a história de Nimi configura a base para a história de Sai. Em contraste com Nimi (avó de Sai), a neta desempenha a função como um dos centros do texto. A adolescente recebe educação formal em um convento e, posteriormente, é educada por Noni e por Gyan, um nepalês militante com quem Sai se envolve romanticamente. O relacionamento, no entanto, cai por terra por causa de seus diferentes estatutos sociais e a diferença de oportunidades. Gyan, em contraste com a jovem, está propenso a ficar preso em Kalimpong eternamente.

Bhabha (2014), assim como Chatterjee (2008), ao observarem o problema que existe no “tempo vazio e homogêneo” do capitalismo e captar a metáfora nacional como a troca de liberdades individuais em prol de uma unidade, refletem que a tendência à totalização suprime o fato de que a existência só é possível no terreno instável, imensurável da heterogeneidade.

Se as identificações são formas utilizadas para representarmos a nós mesmos, e sabemos ser uma ilusão apreendê-las em uma forma una e imutável e, se, portanto, um sujeito possui identificações móveis e contraditórias, comunidades também não poderão ser dadas como coerentes. No texto de Desai, a autora deixa claro que as questões acerca das des-localizações estão cobertas pela neblina das ilusões ocidentais e a pretenciosidade de tentar separar aspectos metafísicos em blocos racionais. Esta característica é tão presente na ciência ocidental, que mesmo os aspectos híbridos, mestiços, heterogêneos são analisados e agrupados por suas similaridades. O pluriverso da modernidade resiste às caracterizações homogêneas, às significações centradas.

A autora reconhece a importância de recordar, seja por que as lembranças estabelecem vínculos de negação e postula consequências de ações contraditórias, seja no sentido de fazer uma reconciliação frente ao sentimento de exílio engendrado pela migração. Com o intuito de ressaltar uma narrativa mais interna e subjetiva, Desai começa romance de um ponto intermediário de um ciclo, e, ao término da trama, não encerra as trajetórias e os conflitos. Sua estrutura não-linear assume a estória como um produto de várias relações que se dão entre o passado e o presente e destaca o caráter desordenado e sincrético da história: o fato de que indivíduos são o produto de várias jornadas que se misturam e dissolvem as linhas invisíveis entre as fronteiras.

Referências

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- APPHADURAI, A. Commodities and the politics of value, in: **THE SOCIAL LIFE OF THINGS: COMMODITIES IN CULTURAL PERSPECTIVE**, Cambridge University Press January, 1988.
- BAUMAN, Z., VECCI, B. [1925] **IDENTIDADE: entrevista a Benedetto Vecci**, tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**: Tradução de Myriam Avila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Glaucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- CAIRE, G. **L'Aliénation dans les oeuvres de jeunesse de Karl Marx**. La Pensée Universitaire, 1956
- CHATTERJEE, P. **La nación en tiempo heterogéneo**: y otros estudios subalternos - Traducido por: Rosa Vera y Raúl Hernández Asensio.ed. - **Sociología y política**. Buenos Aires. Editores Argentina: Siglo XXI, 2008.
- DESAI, K. **O legado da perda**; tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: objetiva, 2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**, trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guarcia Lopes Louro, lamparina, R.J. 12ª ed, 2015.
- _____. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HARGREAVES, A. Perceptions of place among writers of algerian immigrant origin in france, in: **WRITING ACROSS WORLDS: Literature and migration**; *Edited by Russell King, John Connell and Paul White*, London First published, by Routledge. 1995.
- HOBBSBAWM, E. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- MASSEY, D., "Power-geometry and a progressive sense of place" in **Mapping the futures: local cultures, global change** Eds Bird, J., Curtis, B., Putnam, T. and Tickner, L. (Routledge, London), 1993.
- MALDONADO, M. **A subversão do ser**: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação. São Paulo, 2001.
- MISHRA, V. **The Literature of the Indian Diaspora**: Theorizing the diasporic imaginary, Routledge, USA, 2007.
- MUKERJEE, N. "Nationalism in the Transnational Space: A Saga of conflict in The Inheritance of loss". In **A spectrum of indian Literature**. Ed. Om Prakash Dwivedi. Bankok, Houston et. al: Japss Press, 2009: 86-93.



OJWANG, D. **Reading migration and culture**: the world of East African Indian Literature ,Palgrave MACmillan, London, 2013.

OONK, G. **Global Indian Diasporas**: Exploring Trajectories of migration and Theory, Amsterdam University Press, 2007.

SANTIAGO, S. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo horizonte: Editora UFMG, 2004.

SHUMSKY, N. L. Migration and return in american romances from 1920 to 1930, in: **Rivers to cross**, Palgrave, UK 2003: 198-215.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Silva, T.T. (org). HALL, S.; WOODWARD, K. 15 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

THIESSE A. M. A Europa das Nações , **in escrever a nação** pp. 69- 75, literatura e nacionalidade (uma antologia). Carlos Manuel Ferreira da Cunha (ed.) ISBN: 978-1-4477-3158-0. Carlos Cunha e Opera Omnia 1ª edição: Junho de 2011.